

VALDECI RIBEIRO DA GAMA; JEAN-MARTIN  
RABOT & MOISÉS DE LEMOS MARTINS

gamagy@gmail.com; jmrabot@ics.uminho.pt; moisesm@ics.uminho.pt

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
(CECS), Universidade do Minho, Portugal

## O IMPACTO DOS *MEDIA* NA VIDA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

### RESUMO

No fim do século XX, o desenvolvimento acelerado dos novos conhecimentos e das tecnologias da informação levou o mundo a uma nova era da comunicação, por meio da internet. Sabe-se que atualmente a interatividade com a internet modifica a sociedade a cada dia. Provocadas por essa constatação, percebe-se que a transformação e apropriação dos *media* modificaram, também, a forma dos deficientes visuais se relacionarem e comunicarem com a realidade. O presente trabalho quer analisar brevemente o conceito atribuído à midiatização digital, assumindo como contexto teórico, a transformação do paradigma sociocultural na história da pessoa com deficiência visual. Além disso, tem como objetivo não só aferir a importância da midiatização nas transformações sociais e culturais para a pessoa com deficiência visual, bem como tentar compreender e responder à pergunta: de que modo o uso cotidiano dos *media* impacta a pessoa com deficiência visual? Para tanto, em um primeiro momento discute-se o tema midiatização e a pessoa com deficiência visual, a partir de conceitos como paradigmas comunicacionais no contexto dos *media* sociais na cultura científica-tecnológica; em um segundo momento, por meio da pesquisa empírica, buscar-se-á compreender como os *media* afetam a vida da pessoa com deficiência visual.

### PALAVRAS-CHAVE

deficiência visual; *media*; memória; sentidos

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho limita-se às considerações mais diretamente associadas ao tema proposto, a fim de permitir uma maior compreensão do impacto dos *media* na pessoa com deficiência visual, procurando, ao mesmo tempo, não alargar demais as fronteiras demarcadas. Assim, longe de pretender esgotar o tema, este trabalho quer ser apenas uma colaboração e uma reflexão pessoal de cunho introdutório de um assunto tão denso e complexo. Inserido neste contexto midiático, é plausível considerar que a percepção espacial das pessoas com deficiência visual se realiza de forma concreta a partir do tato, da audição, do olfato e do paladar. Avessos à visão, esses sentidos não representam a totalidade imediata do espaço físico, de modo que, a construção do espaço físico centrada em sensações não visuais ocorre de maneira lenta. No entanto, não se pode dizer o mesmo da construção do espaço digital.

Com o advento da internet, foram aos poucos sendo desenvolvidas novas ferramentas de mediação para um público específico (com alguma deficiência), mas, é claro, que essas novas ferramentas não são criadas com a mesma velocidade que se recebem inovações voltadas para o público vidente. Softwares para uma determinada deficiência levam tempo, dinheiro e vontade para serem desenvolvidos e nem sempre os nossos governantes estão dispostos a investir no desenvolvimento de aplicativos para facilitar a vida de uma minoria na sociedade. Mas hoje, alguns softwares e *apps* são desenvolvidos por entidades sem fins lucrativos ou, até mesmo, por pessoas com deficiência que se interessam em mudar um pouco o mundo.

Existia há alguns anos atrás uma enorme diferença na quantidade de *apps* produzidas para o público vidente e para a pessoa com deficiência visual. Hoje, as coisas estão mudando de forma lenta, mas em uma constante. Atualmente, é possível notar essa diferença. Se for feita uma breve busca no Google Play, digitando as palavras “aplicativos para deficientes visuais”, os resultados que aparecerão serão milhares de aplicativos, grátis ou pagos, voltados para a pessoa com deficiência visual. Mas é claro que não eram tão abundantes assim há alguns anos atrás.

No início da popularização da internet, no final da década de 90, os aplicativos que existiam eram voltados apenas para computadores. Até porque as redes sem fios (wi-fi, 3G e 4G) só se tornaram populares mais tarde. A popularização das *apps* só foi difundida com toda a sua intensidade a partir de 2008, quando surgiram as primeiras *apps* voltadas para celulares.

Hoje, as *apps* são ferramentas de uma considerável importância para a transformação da vida da pessoa com deficiência visual e de outras

pessoas com deficiência. É com elas que a pessoa com deficiência visual encontra mais uma forma de comunicar e ver o mundo em sua volta. É mais uma ferramenta tecnológica que faz a mediação do deficiente com a extraordinária maneira de comunicar no século XXI.

Em face disso, os *media* digitais utilizados pela pessoa com deficiência visual correspondem aos utilizados pelas pessoas que conseguem enxergar, exceto, que há algumas modificações necessárias para ajudar na interatividade. A diferença, portanto, está na forma com que ambos veem e usam essas ferramentas. As pessoas que têm todos os sentidos utilizam, basicamente, a visão, como primeiro contato com as ferramentas digitais. Embora para essas pessoas seja quase imperceptível a necessidade dos outros sentidos para o uso dos *media*, para a pessoa com deficiência visual, o tato e a audição são de extrema importância, em um primeiro momento, para a interatividade com os *media*.

Neste artigo apresenta-se apenas uma breve reflexão acerca das discussões iniciais de uma investigação mais ampla, que está em desenvolvimento, para a conclusão da tese de Doutorado em Ciências da Comunicação com o tema: “Ver com os sentidos: as mídias digitais como condição de possibilidade para os deficientes visuais”. No entanto, o objetivo geral de toda a investigação consistirá em compreender, de um ponto de vista teórico-empírico, uma problemática social atual e singular: como os sentidos das pessoas com deficiência visual são estimulados e afetados pelos *media* digitais na sua interatividade e comunicabilidade social. Além disso, procurar-se-á entender os efeitos das percepções, sensações, memória e emoções, estimuladas pelos sentidos (audição, tato, paladar e olfato) e provocadas pela sociabilidade e interatividade midiática, especificamente, no que diz respeito ao universo da pessoa com deficiência visual inserida neste novo contexto mediático. Por fim, tentar-se-á evidenciar como é que as pessoas com deficiência visual convivem e interagem entre si com as mais diversas tecnologias que têm surgido, bem como refletir acerca do papel dos *media* digitais na realidade comunicacional das pessoas com deficiência visual das cidades de Braga, em Portugal, e Munique, na Alemanha, principalmente, nas duas principais instituições (Acapo, de Braga, em Portugal, e Das Blindeninstitut, de Munique, na Alemanha), que trabalham direta e indiretamente com pessoas deficientes visuais. Desse modo, a metodologia utilizada consistirá em aliar reflexões teóricas, fundamentadas na leitura e interpretação de textos dedicados ao tema, com investigações empíricas, alicerçadas no emprego de uma metodologia de foro qualitativo.

Portanto, o objetivo, aqui, não é um aprofundamento no objetivo geral da investigação, mas, apenas, a partir de algumas observações em curso. Trata-se de lançar um olhar de reflexão para tentar aferir a importância da mediação nas transformações sociais e culturais para a pessoa com deficiência visual, bem como tentar compreender e responder à pergunta: de que modo o uso cotidiano dos *media* impacta a pessoa com deficiência visual?

## MIDIATIZAÇÃO

Ver o mundo em transformações tecnológicas frequentes é quase parte essencial da contemporaneidade, pois, a cada dia, são criadas novas ferramentas para facilitar a vida que, por conseguinte, favorecem o fortalecimento da mediação.

O termo mediação foi aplicado, primeiramente, ao impacto dos meios de comunicação na comunicação política, por Ken Christer Asp (1986). Asp é um pesquisador sueco em Comunicação e professor na Göteborgs Universitet, na Suécia.

O termo mediação foi aplicado, pela primeira vez, ao impacto dos meios de comunicação na comunicação política e a outros efeitos na política. Asp foi o primeiro a falar sobre a mediação da vida política, referindo-se a um processo pelo qual um sistema político é, em alto grau, influenciado pelas e ajustado às demandas dos meios de comunicação de massa em sua cobertura da política. (Hjarvard, 2012, p 54).

Já para o pesquisador Jairo Ferreira, a mediação é uma análise do dispositivo midiático, que se configura a partir de três bases concretas: o social, o tecnológico e a linguagem. A mediação seria, portanto, todos os *media* que se relacionam com a sociedade, com o tecnológico e com a linguagem (Ferreira, 1998); já o sociólogo John B. Thompson (1995), vê a mediação como uma parte integral do desenvolvimento da sociedade moderna. No entanto, o dicionário de língua portuguesa *Houaiss* online apresenta o conceito de mediação como a ação ou o efeito de mediar; e mediar, por sua vez, é difundir qualquer informação por meio dos veículos de comunicação. Portanto, a mediação pode ser empregada como um processo de propagação de conhecimento tecnológico e mudança de interatividade, transitividade e comunicabilidade por meio dos *media*, considerando as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural.

## O HOMEM NA CULTURA CIENTÍFICA-TECNOLÓGICA

Como produções da cultura, tanto a técnica, quanto a ciência, são inauguradas e mantidas pelo processo de incidência e reincidência do *ethos* sobre o *bios*. A cultura objetiva o homem para ele mesmo (suas ideias do mundo, de si próprio), e a civilização, nas suas realizações concretas, objetiva a cultura, produzindo um dinamismo que modifica a própria cultura. O despontar da cultura da razão no Ocidente teve lugar no conflito entre a sabedoria consubstanciada no *ethos* da tradição grega e no novo saber científico, advindo da perscrutação da natureza e da sua transcrição na ordem da razão humana. Essa passagem do saber à *episteme* é uma das mais profundas revoluções da história. A partir desse momento, a razão lançava as suas pretensões de dar as razões, demonstrar e ordenar, tanto o mundo-natureza, quanto o mundo-humano. Assim, os eventos que ocorreram nesta cultura da razão até o advento das tecnologias foram fundamentais, por sua vez, para a constituição de uma cultura científico-tecnológica com pretensões planetárias para a civilização posterior.

O termo civilização designa, de modo geral, um conjunto de instituições e organizações, pelas quais os elementos culturais concretos ou abstratos de uma sociedade são coletivamente racionalizados e realizados em termos materiais e através da organização social. Uma civilização pode indicar um grupo amplo de culturas, unificado ou integrado sob uma circunstância histórica ou geográfica, marcado por um certo grau de desenvolvimento tecnológico, econômico e intelectual (como a civilização romana, por exemplo). O termo civilização apareceu em França no século XVIII, quando a pesquisa considerava as culturas a partir do seu processo de evolução e do ideal iluminista de progresso. Na medida em que a pesquisa, a descoberta científica e a invenção técnica constituem a *práxis* cultural dominante da nossa civilização, constituímos uma cultura tecnológica. O progresso material nesta civilização é realizado mediante a construção contínua de novos mecanismos produtores de riqueza e eficiência no domínio da natureza, os quais são fabricados de acordo com leis e teorias científicas. A ciência torna possível o progresso técnico, ao mesmo tempo em que é socialmente justificada por ele. Assim, o contínuo progresso intelectual e cultural da humanidade inclui, e o contínuo progresso material exige, o progresso tanto da ciência, como da tecnologia, indistintamente (Kneller, 1980).

Não é aqui o lugar para se fazer um inventário exaustivo de tais revoluções e transformações introduzidas nos diversos setores das relações do ser humano com a natureza, e entre si. Evoca-se aqui, apenas, alguns pontos representativos, para aumentar a percepção da extensão destas

transformações no conhecimento e nas técnicas, e das reações profundas que provocaram na vida cotidiana, no imaginário e na capacidade de simbolização do ser humano. Se formos à raiz destas transformações, perceberemos que se trata de uma reconfiguração, um refazer das formas simbólicas, não só dos métodos e meios materiais de produção e utilização de bens, mas, de certos valores propriamente humanos da vida, especialmente, da vida coletiva, expressa na organização do trabalho (novas fontes de energia – petróleo, solar, atômica, etc. – máquinas, sistemas de gerenciamento e organização), na circulação de pessoas e produtos (automóveis, trens, aviões e espaçonaves), nas relações cada vez mais mediadas por algum instrumento técnico (revolução das comunicações, informática ciberespaço, cibercultura; inclui um decréscimo nas relações face a face), no lazer (cinema, televisão, rádio, vídeo, internet). Enfim, o imenso poder que têm os meios tecnológicos de conquistar espaço e tempo e de influenciar planetariamente o pensamento, as visões de mundo e as culturas.

Hoje, a sociedade tecnológica não é mais a sociedade das máquinas do século XIX e início do século XX; no século XXI, a sociedade tecnológica é a sociedade da informação (Mattelart, 2002), das mídiatizações, dos *media*. Sobretudo, é a sociedade da internet. O processo de aquisição de novos conhecimentos, por exemplo, passa agora para uma etapa em que o armazenamento e controle da informação tornam-se cruciais, visto que a produção de novos dados científicos está pulverizada, mesmo que de forma desigual, no sistema global público e privado de pesquisa e desenvolvimento tecnológico<sup>1</sup>.

Depois de assegurado o domínio da natureza nos seus componentes mais elementares e do espaço-tempo (transportes, informação e comunicações), a influência decisiva sobre o pensamento estaria mais bem assegurada, com profundas repercussões sobre o comportamento humano e o sentido da vida. Eis que a vida humana, até a liberdade do seu lazer ou até o simples “ficar em casa”, está perpassada pelos objetos técnicos e pela lógica da técnica. Televisão, smartphone, cinema e internet, por exemplo, além de recursos técnicos de lazer e cultura, acabaram por perpetrar uma revolução cultural, na qual submerge uma nova cultura, a cibercultura, ciberespaço, que se torna-se a cultura da imagem, do visual, do virtual, do online, do conectado e do não lugar (digitalização de imagens, filmes de “realidade” virtual).

---

<sup>1</sup> Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, França, Canadá, Austrália e Japão, produziram mais de 62% dos artigos científicos publicados no ano de 2002. O Brasil contribuiu com apenas 1,3% e a China com 3,8% (retirado de [www.mct.gov.br](http://www.mct.gov.br)).

Percebe-se que toda essa evolução tecnológica foi, sem sobra de dúvida, uma importante aliada para a transformação do ser humano. Com essas transformações, também foram beneficiados grupos específicos, como pessoas com alguma deficiência. Para esses grupos específicos, os mais importantes benefícios demoram a chegar, mas quando chegam, mesmo assim, é possível aproveitar algumas formas dessas ferramentas, que ajudam, seja na locomoção, audição, visão, interação, comunicação ou quaisquer outras maneiras de utilizá-las que sirvam para tirar algum benefício para a vida cultural e social.

A pessoa com deficiência visual, hoje, pode fazer uso de várias ferramentas para se tornar cada dia mais independente. Com as novas tecnologias, a sensação de liberdade, de autonomia, fica mais próxima e possível. Tudo isso se torna real, na medida em que a pessoa com deficiência visual desenvolve a sua capacidade de concentração e de interação com os seus sentidos, através dos quais, constrói uma nova realidade, por meio dos conflitos provocados em sua percepção e imaginação. O pesquisador Hugo Münsterberg afirma que a “peça cinematográfica nos conta uma história humana ultrapassando as formas do mundo exterior – a saber, espaço, tempo e causalidade” (Münsterberg, 1991, p. 27) e ajustando os acontecimentos às formas do mundo interior – saber, atenção, memória, imaginação e emoção. Diante disso, algumas dessas sensações, estimuladas pelos sentidos, fazem com que a pessoa com deficiência visual não interaja com uma realidade inerente a nós. No entanto, estas sensações são mais sensíveis e perceptíveis para a pessoa com deficiência visual, que transcende em outra realidade, por meio dos sentidos e das sensações. Como se esta realidade fosse insuficiente, então, o imaginário introduz-se na realidade, tal qual ela, e desfigura-a, intensifica-a, dando-lhe um significado novo e de fácil compreensão para as pessoas com deficiência visual.

Estes estímulos não são um privilégio apenas da pessoa com deficiência visual. Isso só acontece porque existe em todo o ser humano a habilidade de entender sentimentos, chamada de estesia. O semiólogo Algirdas Julien Greimas (2002), em 1978, definiu-a como uma condição de sentir as qualidades sensíveis existentes e que exalam na sua configuração para serem capturadas, sentidas e processadas, fazendo sentido para o outro. Segundo o dicionário de língua portuguesa, estesia é a capacidade de perceber sensações e sensibilidade. Por sua vez, a sensação consiste na reação física do corpo ao mundo físico, que resulta na ativação das áreas primárias do córtex cerebral. O organismo humano recebe inúmeros estímulos, sendo que a pessoa interpreta somente os necessários. Apesar dos

estímulos recebidos serem iguais para todos, o que muda é a percepção. Na pessoa com deficiência visual, a perda da visão estimula mais as percepções, para supri-la de certa forma. Merleau-Ponty aprofunda um pouco mais o tema, ao esclarecer que “a apreensão das significações se faz pelo corpo todo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer a reorganizar o esquema corporal” (Merleau-Ponty, 1994, p. 212). Portanto, pode-se considerar a estesia como uma fonte de inspiração para a pessoa com deficiência visual, que usa dessa habilidade para compreender e interagir com os *media*. É exatamente o que sugere o pesquisador Hugo Münsterberg nas suas pesquisas sobre atenção, memória, imaginação e emoções.

## SENSAÇÕES E SENTIMENTOS

Atenção, memória, imaginação e emoções são conceitos e métodos da Psicologia usados por Hugo Münsterberg para explicar, no início do século XX, o efeito de realidade que o cinema causa no espectador e que elementos psicológicos são suscitados pela narrativa cinematográfica. No entanto, é perfeitamente compreensível nos apoderarmos destes conceitos, para compreendermos como estes são desenvolvidos pela pessoa com deficiência visual por meio dos sentidos.

Hugo Münsterberg era psicólogo e professor de Harvard, nascido na Alemanha, em Danzig. Ele foi um dos pioneiros a fazer críticas cinematográficas. Na sua obra *The photoplay: a psychological study* (1916), Münsterberg analisa a relação do cinema com o espectador e os elementos que a sustentam, tais como a atenção, a memória, a imaginação e a emoção. Foi este autor que antecipou a “teoria da recepção”, quando explorou o entendimento de que os filmes produzem eventos mentais. Estes eventos não estão apenas na tela do cinema, mas também na mente daqueles que os observam e os escutam. Münsterberg usa a atenção, a memória, a imaginação e as emoções para explicar o efeito de realidade que o cinema causa no espectador. Seja ele pessoa com deficiência visual ou não, os efeitos são basicamente os mesmos, porém com intensidade diferente para a pessoa com deficiência visual. Para Münsterberg, os *media* nos impactam de diferentes maneiras, mas nos afetam diretamente na atenção, na memória, na imaginação e nas emoções.

A atenção seria uma das funções internas que mais cria significados do mundo exterior. É considerada mais fundamental, pois seleciona o que é significativo e relevante. Münsterberg (1991) analisa a atenção de duas

formas: voluntária e involuntária. A voluntária é quando as impressões partem de ideias pré-concebidas. A involuntária é muito diferente da voluntária. A involuntária influencia diretamente aquilo que lhe é extrínseco, de modo que o foco de atenção é dado pelos objetos percebidos. Tudo o que mexe com os instintos naturais assume o controle da atenção. A memória é a nossa fonte de ideias e da imaginação. A memória atua na mente do espectador, evocando coisas que dão sentido pleno, situando melhor cada cena, cada palavra e cada movimento.

Münsterberg (1991) afirma que a memória se relaciona com o passado e a imaginação com o futuro. O cinema agiria de forma análoga à imaginação. Possui ideias que não estão subordinadas às exigências concretas dos acontecimentos externos, mas sim, às leis psicológicas de associações de ideias. Assim, a memória pode se correlacionar com a imaginação.

As emoções podem ser distinguidas em dois grupos diferentes: de um lado, as emoções que comunicam os sentimentos dos atores e de seus respectivos personagens dentro do filme; do outro lado, as emoções que as cenas do filme suscitam no espectador, podendo ser inteiramente diversas, até mesmo as emoções expressas pelos personagens. Esses métodos da Psicologia usados por Hugo Münsterberg para explicar o efeito de realidade que o cinema causa no espectador são centrais na percepção do ser humano.

Mas o que é que a atenção, a memória, a imaginação e as emoções que Münsterberg (1991) descreve têm a ver com comunicação mediada pela midiatização digital e com a pessoa com deficiência visual? Na verdade, Münsterberg mostra em seu texto um método psicológico especificamente para o cinema, fazendo comparações entre o cinema e o teatro. Mas, se se analisar com bastante atenção, é possível perceber e entender que essas técnicas desenvolvidas pelo autor também podem ser aplicadas aos novos veículos de comunicação, mediados pela midiatização digital, sobretudo na internet. A internet, por sua vez, é uma dessas ferramentas a que se pode aplicar perfeitamente o que Münsterberg apresentou para o cinema.

E, como seria aplicar essas técnicas para perceber os efeitos e os impactos que provocam na pessoa com deficiência visual? Para uma pessoa deficiente visual é bastante natural que os subsentidos (atenção, memória, imaginação e as emoções) germinem com mais facilidade, são mais aguçadas e perceptíveis, provocando sensações diretas nos sentidos. Essas sensações surgem de forma natural para a pessoa com deficiência visual; com isso, esta acaba se apropriando de outras formas de ver, perceber e sentir o mundo, estimulando de uma forma instintiva os outros sentidos, suprimindo a falta do sentido que lhe falta.

Na pessoa com deficiência visual, as sensações dos subsentidos são mais acentuadas, seja no cinema, como relata Münsterberg (1991), ou em outros meios de comunicação, como a internet e a TV. A pessoa com deficiência visual utiliza a atenção para compreender de forma clara o que ela está acessando; a memória e a imaginação, além de se exercitar a si próprias, exercitam também as emoções.

A comunicação mediada pela mídiatização digital é uma das possibilidades para a pessoa com deficiência visual. Essas novas ferramentas dão um novo significado aos conceitos trabalhados por Münsterberg (1991): a atenção, memória, imaginação e emoções, que eram usadas plenamente, quando não existiam estas novas técnicas de comunicar mediadas pelas novas tecnologias.

## ANÁLISE DE POSSÍVEIS RESULTADOS

Parte relevante da pesquisa empírica para este trabalho, está sendo desenvolvida e efetuada em parceria com a Acapo e com Das Blindeninstitut. São duas instituições importantes que se dedicam exclusivamente à inclusão social e comunicacional de pessoas com deficiência visual. Até o presente momento, a análise preliminar permitiu confirmar algumas constatações obtidas. No processo de desenvolvimento da pesquisa estão a ser realizadas observações, conversas e entrevistas e, posteriormente, será organizado um grupo focal para o aprofundamento da investigação em curso. A metodologia adotada para a realização desta pesquisa é a pesquisa qualitativa. Para o enriquecimento da pesquisa empírica, além das visitas, conversas e partilhas, foi realizada a apresentação do documentário *Janela da alma* (Jardim & Carvalho, 2011), de uma hora e 13 minutos, dos diretores João Jardim e Walter Carvalho. Contudo, não será possível apresentar detalhadamente a pesquisa realizada até o momento. No entanto, neste trabalho apresenta-se apenas um breve recorte do conteúdo investigado para, assim, se compreender como e de que modo os *media* impactam a vida da pessoa com deficiência visual.

Num primeiro momento, clarificou-se aos participantes os objetivos dos encontros, o desenvolvimento das questões e o plano de execução da pesquisa. Desse modo, buscou-se estabelecer confiança e liberdade aos participantes para partilharem informações sem receios com a pesquisa proposta. Em um segundo momento, iniciou-se uma conversa acerca da relação dos cinco sentidos e os *media* e a sua importância na vida das

pessoas, como forma de introdução, para lançar as perguntas chaves relativas ao tema do trabalho.

Até o momento da investigação, foi possível constatar, mesmo que brevemente, como o uso dos *media*, de uma forma ou de outra, “modificava” ou ajudava a pessoa com deficiência visual e a perceber a sua realidade. Para evidenciar melhor a pesquisa, em uma das etapas, a apresentação do documentário *Janela da alma* (2011), dos diretores João Jardim e Walter Carvalho, foi, e está sendo, importante para facilitar o diálogo. Existe aí uma nítida identificação com as personagens apresentadas no documentário. Isso facilita a abertura, por meio de compartilhamento de opiniões e reflexões. O documentário mostra algo bastante acentuado na troca de informações, na interatividade e comunicabilidade, como vividas pela comunidade de pessoas com deficiência visual. O documentário serviu apenas como um pretexto para compreender como os participantes da pesquisa poderiam se perceber e se identificar com as personagens do documentário.

Neste documentário, os métodos da Psicologia usados por Münsterberg (1991) estão bastante presentes. O filme apresenta 19 pessoas com diferentes graus de deficiência visual, da miopia discreta à cegueira total, que falam sobre como se veem, como veem os outros e como percebem o mundo. O documentário aborda a visão de uma forma subjetiva, atribuindo-lhe diferentes sentidos de interpretação da realidade de cada um; e mostra também como cada pessoa lida com a realidade que está relacionada com as suas experiências de vida, percepções e as demais influências presentes no cotidiano. Mostrando de forma mais concreta como a imaginação é essencial para a construção e a interação com a realidade e com os *media*.

A imaginação é um dos pontos essenciais estabelecidos pelo documentário. O neurologista Oliver Sacks (2010) afirma, em sua linha de estudo, que o limite do olhar não é a janela da rua, ou seja, a visão de fora. Não se limita a olhar o visível, mas também o invisível, algo imaginado pela mente. Acrescentar visões do mundo, do nosso mundo, ao ser exterior não tem limites. A imaginação relatada pelo filme aumenta a visão do mundo que nos cerca em relação às imagens. Atualmente, as imagens, principalmente, as das novas tecnologias, já estão prontas, sem grandes margens para a imaginação. O documentário mostra como é possível usar a imaginação e os sentidos para enxergar uma nova realidade. O olho, na verdade, não é apenas passivo, se o considerarmos como a janela da alma; ele, também, é ativo, as imagens não entram, mas veem de dentro para fora. O ver vem de dentro. A alma é a imaginação que sai. O que vemos é quase

sempre modificado pelos nossos sentidos, conhecimentos, emoções, desejos e, principalmente, pela cultura na qual estamos inseridos.

É exatamente neste contexto que a pessoa com deficiência visual estava apenas inserida até o advento das novas tecnologias. Com o surgimento das novas ferramentas tecnológicas, o universo da pessoa com deficiência visual se expandiu e agora ela pode usufruir de vários instrumentos, principalmente, os aplicativos interativos que lhe são destinados. A midiática dessas ferramentas tecnológicas contribuiu para um acréscimo grandioso do acesso da pessoa com deficiência visual a ambientes diferentes e revolucionando a forma desta comunicar como o mundo.

Junto com os sentidos primários, os subsentidos (a atenção, a memória, a imaginação e as emoções) são conceitos e métodos da Psicologia usados por Hugo Münsterberg (1991). Estes elementos são a base para uma comunicação mais interativa para o deficiente visual. A pessoa com deficiência visual usa exatamente estes sentidos para compensar a perda da visão. É impressionante perceber que, fazendo uso destes sentidos, as pessoas com deficiência visual desenvolvem as suas sensibilidades de uma forma tão única, que conseguem escutar, sentir, cheirar, perceber o espaço físico, com uma qualidade muito superior à de pessoas que enxergam perfeitamente.

No documentário *Janela da alma*, o vereador Arnaldo Godoy relata exatamente essa forma diferente de ver a “realidade” em uma breve conversa com o motorista que o está a conduzir para o lugar da entrevista.

*Arnaldo:* Aí você vai virar a primeira à esquerda.

*Motorista:* Arnaldo como é que você sabe, assim, o caminho todo. Se você não está vendo?

*Arnaldo:* A gente vai fazendo um mapa na cabeça. Eu fiz uma maquete de Belo Horizonte.

*Motorista:* Vocês estão vendo, né. Eu tenho que ficar ligado em outros referências, como os sons.

*Arnaldo:* Descida, subida, gira, barulho de rua são os meus sinais. Eu vou construindo essas referências nas ideias. (Jardim & Carvalho, 2001)

Arnaldo relata exatamente a forma como a pessoa com deficiência visual se vai apropriando do espaço onde vive para poder enxergar de outra forma, usando exatamente os conceitos e métodos de Psicologia desenvolvidos por Hugo Münsterberg: a atenção, a memória, a imaginação e as emoções.

O documentário cumpre bem a sua função de reforçar a ideia de que a memória visual e toda a forma de percepção estão, impreterivelmente, ligadas à emoção. O olhar é uma interpretação mediada pelos nossos conceitos, nossos valores, nossa cultura, nosso meio. Assim, como nos diz José Saramago, no documentário *Janela da alma* (2001): “se o Romeu tivesse os olhos de um falcão não se apaixonaria por Julieta”. Ou, em outras palavras, aquilo que enxergamos somente é um recorte relacionado com a nossa experiência visual, vivência social e emocional. Já o professor de literatura Paulo Cezar destaca a importância das nossas experiências e diz, com bastante sensatez, que a realidade real não existe, é sempre condicionada por um olhar, ou seja, quem enxerga o objeto são as nossas experiências. O que Wim Wenders nos apresenta no documentário *Janela da alma* (2001) é que os olhos nos dão apenas parte da visão: “vemos com os ouvidos, com o cérebro, estômago e alma”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência nos faz perceber a complexidade do mundo. A ciência é a possibilidade do cálculo do mundo. O cálculo é uma expressão da luta pela ordem, pelo controle e pela previsibilidade. O cálculo do mundo nos dá uma representação, mas o que está “re-presentado” não é ele mesmo. O cálculo do mundo se revela mais e mais complexo. O que é complexo, torna-se dificilmente calculável, muitas vezes, não pode ser calculado. A complexidade desorienta. A complexidade faz com que resultados de longo prazo para entidades complexas, como o sistema de pesquisa e desenvolvimento ou a tecnologia, não sejam passíveis de serem conhecidos. Isto, porque as relações entre as ações e os seus resultados são não lineares; as causas podem se transformar em efeitos e vice-versa. Dependendo das condições iniciais, variações insignificantes podem ser amplificadas até produzirem consequências surpreendentes.

Enxergar o mundo de uma outra forma, conhecer uma outra perspectiva e não ter medo ou insegurança do novo apresentado pela tecnologia digital; estar aberto a novas possibilidades, principalmente, à internet, que é hoje uma extraordinária e importante ferramenta para que a pessoa com

deficiência visual possa se tornar cada vez mais independente, são outras tantas condições para a emergência de novas formas de conectividade, comunicabilidade e interatividade presentes nos *media*. Os impactos dos *media* na vida da pessoa com deficiência visual podem ser infinitos, talvez seja quase impossível compreender o seu todo em uma comunidade em constantes modificações.

Atualmente, além das formas não técnicas citadas no decorrer do artigo – atenção, memória, imaginação e emoções –, a pessoa com deficiência visual pode contar com as formas técnicas que facilitam o acesso a uma nova realidade. Realidade essa que lhe fornece uma liberdade e autonomia para uma interação mediada com o mundo, nunca antes pensada. Liberdade talvez seja a palavra correta para expressar o desejo que a pessoa com deficiência visual sempre procurou. Com a liberdade, vem a autonomia de poder ir para onde quer ir; de poder assistir um filme, navegar na internet, ler (escutar) um jornal, um livro, ir às praças, ruas e avenidas com segurança e sem a interferência de um terceiro.

Para a pessoa com deficiência visual ver o mundo sem precisar dos olhos, sempre utilizou estratégias alternativas para poder se comunicar e interagir com o mundo, como, por exemplo, por meio da atenção, memória, imaginação, emoções, corpo, braille, e por meio também dos outros sentidos. Agora, as novas tecnologias oferecem à pessoa com deficiência visual novas maneiras e formas de agir, de interagir e de se comunicar com o mundo de uma forma totalmente autônoma.

A partir das reflexões estabelecidas com as observações, entrevistas e o documentário, foi possível perceber alguns pontos importantes no desenvolvimento da pesquisa. No entanto, é quase impossível responder de forma mais aprofundada a questão do impacto dos *media* nas pessoas com deficiência visual, mesmo que estas constituam uma comunidade restrita, na medida em que a investigação se encontra ainda em fase de desenvolvimento. Diante do exposto, este artigo compreende apenas uma pequena amostra de uma realidade bem mais complexa.

Por fim, a pergunta chave apresentada, no início deste trabalho, refere-se ao modo como o uso cotidiano dos *media* afeta a pessoa com deficiência visual, cuja resposta está longe de ser simples e completa, pois no decorrer da pesquisa verificou-se que tanto os *media*, como a comunidade das pessoas com deficiência visual, encontram-se em constante processo de transformação, o qual se revela profundo e impacta direta e indiretamente essa relação. Portanto, isso faz com que haja somente percepções da compreensão de como a realidade se apresenta em um determinado momento.

Neste artigo, apresentou-se apenas reflexões acerca das discussões iniciais da pesquisa de doutoramento sobre os possíveis impactos dos *media* na vida da pessoa com deficiência visual. Uma primeira análise trata da vida da pessoa com deficiência visual, como viver e compreender um mundo cada vez mais visual; depois, a comunicação e interação com as demais pessoas e com os *media*. Em um segundo momento, é possível notar, a partir da pesquisa empírica, que o impacto provocado pelos *media* pode afetar positiva ou negativamente os sentidos e, em seguida, a relação com outros. O impacto nos sentidos se dá primeiro por resistência, ao não se sentir capaz de aprender e compreender quaisquer fatos sem a visão; seguido, pela entrega ou fechamento, quase natural, do desenvolvimento e do aguçamento dos outros sentidos, a fim de compreender ou recusar as novas possibilidades oferecidas pelos *media*. O impacto na relação com as pessoas ocorre na medida em que a pessoa com deficiência visual se abre ao mundo tecnológico, sem receio ou insegurança de se relacionar com o outro, construindo, desse modo, novas possibilidades livres de preconceitos. A entrega na relação acontece de forma gradativa, mas segura, seja por meio das tecnologias ou de forma pessoal. O impacto positivo dos *media* nos sentidos faz com que a pessoa com deficiência se sinta segura para usá-los, enquanto que o impacto negativo, principalmente, o do isolamento, tão presente na vida da pessoa com “visão”, que os *media* poderiam provocar na vida das pessoas com deficiência visual, não foi perceptível na pesquisa realizada. Nos relatos e compartilhamentos, os *media* foram classificados não como um fim, mas como um meio para a comunicação e interação pessoal, e não como uma forma de isolamento.

Esta pesquisa pode abarcar tão somente a ponta do *iceberg* para uma infinidade de possibilidades e de impactos que os *media* trazem para facilitar o cotidiano e a relação comunicacional da pessoa com deficiência visual. É compreensível que a importância da construção de uma nova realidade de interatividade, transitividade e comunicabilidade com a sociedade mediada pelas tecnologias digitais através dos sentidos seja um caminho sem volta para a pessoa com deficiência visual, mas um caminho que leva a novas possibilidades nunca antes imaginadas, por uma comunidade que está sempre em busca de um elemento essencial para viver em comunhão com um mundo cada vez mais efêmero, tecnológico e complexo.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

## REFERÊNCIAS

- Asp, K. (1986) *Mäktiga massmedier: studier I politisk opinionsbildning* [Powerful mass media: studies in political opinion-formation]. Stockholm: Akademilitteratur.
- Ferreira, J. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Greimas, A. J. (2002). *Da imperfeição*. São Paulo: Hackers Editores.
- Hjarvard, S. (2012). Mídia e cultura: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*, 5(2), 53-91.
- Jardim, J. & Carvalho, W. (Realizadores). (2001). *Janela da Alma* [Documentário]. Brasil: Ravina.
- Kneller, G. F. (1980). *A ciência como atividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mattelart, A. (2002). *História da sociedade da informação*. São Paulo: Edições Loyola.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Münsterberg, H. (1916). *The photoplay: a psychological study*. D. Appleton.
- Münsterberg, H. (1991). A atenção, a memória e a imaginação. In I. Xavier (Ed.), *A experiência do cinema: antologia* (pp. 25-45). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Sacks, O. (2010). *O olhar da mente*. Editora Companhia das Letras.
- Thompson, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Editora Vozes.

Citação:

Gama, V. R., Rabot, J. M. & Martins, M. L. (2020). O impacto dos media na vida da pessoa com deficiência visual. In Z. Pinto-Coelho; T. Ruão & S. Marinho (Eds.), *Dinâmicas comunicativas e transformações sociais. Atas das VII Jornadas Doutorais em Comunicação & Estudos Culturais* (pp. 265-280). Braga: CECS.